**A ATIVIDADE RURAL ATRAVÉS DE UM NOVO OLHAR: AGRICULTORES E SUAS TRAJETÓRIAS EMPREENDEDORAS**

**RURAL ACTIVITY THROUGH A NEW LOOK: FARMERS AND THEIR ENTREPRENEURSHIP TRAINING**

**Resumo**

O artigo tem como objetivo analisar trajetórias sociais inseridas no rural, em distintas regiões brasileiras, e apontar elementos que as aproximem da realidade do empreendedorismo rural. Justifica-se por contribuir para a percepção do empreendedorismo rural como uma ferramenta auxiliar na criação, e distribuição, das riquezas e no desenvolvimento humano e social. A metodologia é fundamentada na pesquisa qualitativa usando como base o estudo de caso e, a entrevista semiestruturada para a coleta dos dados. Foram analisadas três trajetórias empreendedoras em dois estados brasileiros, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A restrição a correr riscos pode estar se demonstrando como característica menos comum dentre empreendedores rurais. No entanto, a ruptura com técnicas tradicionais e a inovação em processos de produção, elaboração e distribuição de produtos destaca-se nos três casos apresentados. Por fim, identificasse a aproximação das trajetórias à noção de empreendedorismo como um processo de modo a beneficiar-se de oportunidades.

**Palavras-chave**: Empreendedorismo Rural; Agricultura; Trajetórias; Mundo Rural.

***Abstract***

The article aims to analyze social trajectories inserted in the rural, in different Brazilian regions, and to point out elements that bring them closer to the reality of rural entrepreneurship. It is justified by contributing to the perception of rural entrepreneurship as an auxiliary tool in the creation and distribution of wealth and in human and social development. The methodology is based on the qualitative research based on the case study and the semi-structured interview for the data collection. Three entrepreneurial trajectories were analyzed in two Brazilian states, Minas Gerais and Rio Grande do Sul. The risk restriction may be demonstrating as a less common characteristic among rural entrepreneurs. However, the break with traditional techniques and innovation in production processes, elaboration and distribution of products stands out in the three cases presented. Finally, identify the approximation of trajectories to the notion of entrepreneurship as a process in order to benefit from opportunities.

**Keywords**: Rural Entrepreneurship; Agriculture; Trajectories; Rural World.

**Introdução**

Estudar a ação empreendedora por meio de diferentes perspectivas de modo a considerar as atitudes dos indivíduos através de seu contexto, requer o entendimento que existem elementos que interferem no agir de tal indivíduo, como elementos culturais, históricos, sociais e econômicos. Tais particularidades subjazem as transformações que ocorrem no ambiente de trabalho e espera produtiva (FUERSCHUTTE; GODOI, 2008). Assim, o impacto das modificações no espaço produtivo provoca desafios para os agentes que atuam em tal setor, sejam eles empreendedores, trabalhadores autônomos, empregados.

Para os autores acima, o agente empreendedor destaca-se como detentor de certas características que lhe conduzem à eficiência e ao sucesso. Estes indivíduos enfrentam situações desafiadoras que tornam-se como campos profícuos para disseminar suas ações empreendedoras. Segundo Fuerschutte e Godoi (2008), as particularidades dos empreendedores são elementos que se difundem em contextos específicos e quando aplicados à realizada de cada espaço podem ser dinamizados de modo a aumentar sua efetividade.

Pensando nisso, esse artigo direciona-se a iniciativas empreendedoras no espaço rural e algumas das particularidades encontradas nesse ambiente. Levando em conta essas especificidades, por vezes, os referenciais que associam empreendedorismo e rural reproduzem a literatura pensada para ambientes urbanos e industriais desconsiderando, ou ao menos encobrindo, elementos que poderiam ser considerados próprios do empreendedorismo rural.

Nessa linha, Müller e Korsgaard (2017) trazem contribuições que concordam com a ideia apresentada, pois os autores destacam que o contexto espacial e os recursos disponíveis são importantes variáveis para o delineamento das atividades do empreendedorismo. A performance do empreendedor é costumeiramente influenciada pelos seus traços pessoais como também pelo contexto das suas redes e imersão social (CORRÊA; VALE, 2014). A inserção dos produtores em seus contextos locais, em grande parte, é influenciadora direta das decisões sobre o que produzir, com quem colaborar, quem contratar e quais mercados atender, especialmente ao analisar o ambiente rural.

A suposição da influência do contexto para a ação empreendedora torna-se ainda mais atrativa para a trajetória empreendedora de grupos de baixa extração social, visto que muitos conseguem superar diversos empecilhos a fim de atuar no ambiente empresarial (CORRÊA; VALE, 2014). Para os autores, a investigação de como ocorre este fenômeno é fundamental para compreender o desempenho destes empreendedores.

Desta forma, este artigo tem como objetivo analisar três trajetórias sociais inseridas no rural, em distintas regiões brasileiras, e assim, apontar elementos que as aproximem da realidade do empreendedorismo rural. Esse esforço é realizado sob a justificativa, trazida por Dolabela (2003), de contribuir para a percepção do empreendedorismo como uma ferramenta para auxiliar na criação e distribuição das riquezas e no desenvolvimento humano e social. Para tanto, busca-se avançar nas diferentes perspectivas do empreendedorismo perpassando as preocupações de estudar alguém que cria uma empresa (DOLABELA, 2003), para entender as distintas formas de empreender no rural.

Aparentemente as realidades trazidas neste artigo são distintas, mas guardam elementos em comum, os quais são tratados como aspectos potenciais para uma compreensão introdutória que auxilia no entendimento do empreendedorismo em um ambiente, de certa forma, pouco discutido; o rural e suas múltiplas formas de descortinar o que pode ser percebido como particularidades de um empreendedorismo singular ao seu modo de manifestar-se.

**Empreendedorismo**

Os debates que norteiam a temática do empreendedorismo expressam distintas definições de quem vem a ser o agente empreendedor, contudo, estas discussões têm em comum o entendimento de que se trata de um indivíduo com características peculiares que transformam o ambiente em que atuam. Para Bagio e Bagio (2014), o empreendedor busca a mudança, e responde e explora esta mudança por meio do aproveitamento de uma oportunidade. Corroborando com tal ideia, Dornelas (2016), afirma que o empreendedorismo se caracteriza pelo envolvimento de pessoas e processos, que em conjunto transformam ideias em oportunidades e o aproveitamento oportunidades leva à constituição de negócios de sucesso.

O empreendedorismo resulta de agentes empreendedores que conseguem realizar determinadas ações em decorrência de sua sensibilidade para os negócios e da sua habilidade em constatar e aproveitar as oportunidades que lhes surgem, mesmo não sendo claras e específicas (CHIAVENATO, 2012). Por possuir criatividade e perseverança o empreendedor converte ideias em ações reais que visam vantagens pessoais ou para a sociedade de modo a produzir resultados consistentes para a comunidade e mercado.

Perante Filion (1999), o empreendedor é aquele indivíduo criativo, movido pela capacidade de alcançar seus objetivos e que busca detectar oportunidades de negócios. É um agente que toma decisões ariscadas a fim de desempenhar seu papel de empreendedor, ou seja, é a pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões (FILION, 1999).

No que se refere às características empreendedoras, a escola economicista, que tem dentre seus principais expoentes Joseph Schumpeter, alude que o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica através da introdução de novos produtos ou serviços, para esta escola o empreendedorismo está associado à inovação, ou seja, realizar algo novo e distinto do que existe (CHIAVENATO, 2012). Já para a escola comportamentalista, o empreendedor é aquele indivíduo que possui capacidade motivacional em virtude da sua necessidade de realização e da sua autoconfiança, o empreendedor busca algo novo que satisfaça seu desejo e seus sonhos (CHIAVENATO, 2012).

Posto isto, nota-se que o estudo sobre o empreendedorismo abarca distintos campos de investigação. Um dos campos mais recentes de discussões é o do empreendedorismo rural. O debate sobre a ação empreendedora no rural e como ela se desenvolve em um ambiente caracterizado como não empreendedor, motiva estudos e pesquisas em diferentes países.

**Ação Empreendedora**

A ação empreendedora é um requisito básico do empreendedorismo, independente de tratar de Schumpeter (1985) e os novos produtos/processos ou Gartner (1985) e a criação novos empreendimentos. Alguns autores se referem às decisões como um exercício de julgamento sob incertezas, porém isto não é condição suficiente para a ocorrência do empreendedorismo; para tanto é fundamental que haja ação e, não apenas, decisão. Desta forma, o empreendedorismo se manifesta na ação empreendedora. (MCMULLEN; SHEPHERD, 2006).

Gomes, Lima e Cappelle (2013) concordam com a ideia dos autores anteriores de que o empreendedorismo é expressado através da ação empreendedora, podendo ser de caráter individual ou coletiva. Buscando abordagens alternativas às perspectivas que tem em um indivíduo singular o sinônimo de empreendedor, a abordagem da ação empreendedora propõe que quaisquer sujeitos podem realizar uma ação empreendedora, seja radical ou incremental. Mesmo que não carreguem um caráter inovador em nível universal, ao contextualizá-las podem ser consideradas como novo inovação em seu cenário local.

Dolabela (2003, p. 22) refere-se à ação empreendedora como “a capacidade de gerar novos conhecimentos a partir de uma base da experiência de vida do indivíduo”. Para complementar, McMullen e Sheperd (2006) mencionam que a ação empreendedora sugere que há uma intenção, pois quando um comportamento expressa essa ação, a intenção, ou os desejos, estão necessariamente implícitos. A intenção empreendedora pode ser compreendida como uma força motriz que direciona e impulsiona processos empreendedores fundamentados na descoberta e/ou criação de oportunidades. (CHA; BAE, 2010).

A intenção empreendedora, compreendida como a força mental que reconhece e centra-se em uma oportunidade, pode ser a motivação para a sequência de um caminho de incertezas, em que energiza e orienta o comportamento empreendedor para enfrentar obstáculos. Desta forma, a intenção empreendedora poderá estimular os processos de inovação, a construção da organização e a busca por investimentos. (CHA; BAE, 2010).

Não havendo a conversão da intenção empreendedora em ação empreendedora pode-se constatar, possivelmente, a presença de barreiras, sejam normativas e regulamentares, socioculturais ou econômico-finaneiro, que a impediram. (OLIVEIRA, 2016). Essa relação entre a intenção e a ação empreendedora conduz a discussão para a ideia de potencial empreendedor, pois este poderá, ou não, concretizar a conversão de uma para outra, estando em acordo com suas características e contexto. Considerando que o contexto delineado para o estudo, de modo geral, não é percebido como empreendedor, esta noção se apresenta adequada para tal discussão.

**Potencial Empreendedor**

A dificuldade em delinear um perfil científico que contemple um quadro com as características empreendedoras, estimula, mais recentemente, estudos que optam por reconhecer o “potencial empreendedor”. Nessa linha, a pesquisa de Santos (2008) buscou, por metodologia quantitativa, desenvolver um instrumento de análise que identifique uma escala de potencial empreendedor. Em uma perspectiva crítica o autor argumenta que os estudos de perfil de empreendedor, até então, não podem ser considerados conclusivos, pois ao serem replicados em diferentes ambientes os resultados distinguem-se dos anteriormente encontrados, até mesmo, demonstrando elementos novos. Em suma, Santos (2008, p. 132) salienta que “a busca de um protótipo do empreendedor universal não tem apresentado resultados animadores”.

Apesar disso, Santos (2008) destaca que, metodologicamente, cabe ao pesquisador identificar dentre as referências pesquisadas modelos a serem utilizados, adaptações, ou até mesmo elaborações de novos modelos, pois, mesmo levando em conta as críticas e controvérsias, a busca pelo perfil empreendedor permanece.

Em Portugal, também se encontram estudos que intentam a identificação do potencial empreendedor. Santos, Caetano e Curral (2010) destacam que as tentativas de responder quem são os empreendedores encontram-se fragmentadas nas investigações empíricas e, por vezes, centradas em apenas uma dimensão, consolidando-se insuficientes para estimar competências empreendedoras. Desta forma, propõem um constructo de potencial empreendedor formado por quatro dimensões: (1) as motivações empreendedoras, especialmente, a busca pela independência e a motivação econômica, (2) as competências psicológicas – capacidade inovativa, inteligência emocional e resiliência, (3) as competências sociais – capacidade de comunicação de formação de redes, e (4) as competências de gestão, ou seja, visão, capacidade de mobilização de recursos, liderança e auto-eficácia.

As considerações dos autores revelam que sendo a constituição do potencial empreendedor baseada em competências, as possibilidades de estímulos à formação e desenvolvimento de tais características se aproxima da realidade. (SANTOS; CAETANO; CURRAL, 2010). Esta afirmação concorda com Dolabela (2003, p. 24) quando menciona que “o espírito empreendedor é um potencial de qualquer ser humano”, porém, “necessita de algumas condições indispensáveis para se materializar e produzir efeitos”. Nessa perspectiva, os resultados encontrados a partir de instrumentos identificadores do potencial empreendedor, evidenciam elementos a serem trabalhados para que este potencial possa converter-se em ações.

Pensando no contexto rural de investigação, parece que a ideia de potencial empreendedor poderia se aproximar do que Tomei e Lima (2015) encontraram em sua pesquisa, ou melhor, agricultores apresentando algumas características empreendedoras e outras não, indicando a improbabilidade de identificar um perfil específico do empreendedor rural. Desta forma, a ideia de potencial empreendedor mobiliza elementos teóricos que auxiliam nas interpretações sobre o empreendedor rural. Esta opção se dá pelo reconhecimento, antecipado (em nível deste projeto) mas já demonstrado na literatura, da dinamicidade e especificidades encontradas em cada contexto rural.

Nota-se que todos os conceitos se relacionam, pois o potencial empreendedor é identificado como aquele que promove uma ação empreendedora baseada nas ideias do reconhecimento/criação de oportunidades e inovação. O contexto, assim como, as características do potencial empreendedor, estarão delineando um processo empreendedor que, por conseguinte, molda as ações empreendedoras praticadas pelo potencial empreendedor.

Adicionalmente, enfatiza-se que as configurações do empreendedorismo em áreas rurais, ainda, são influenciadas pela evolução do território rural expresso por mudanças demográficas, econômicas, culturais e de infraestrutura, refletido por exemplo pelo contínuo declínio da inserção de novos agentes na agricultura e movimentos da população em relação ao rural. (MCELWEE; SMITH, 2014). Esses apontamentos direcionam o leitor a subseção seguinte que traz discussões específicas sobre o empreendedorismo no rural.

**Empreendedorismo Rural**

Cada vez mais os agricultores estão inseridos em um ambiente de constante competitividade e transformação, de modo que torna-se importante tomar iniciativas com vistas a garantir a manutenção neste espaço (CHAVES, 2010). Atualmente, os produtores rurais buscam estratégias que asseguram redução de custos, aumento de produtividade e diferenciação produtiva, elementos estes que converte-se em um diferencial frente as mudanças e exigências que vem a ocorrer (CHAVES, 2010). Uma maneira de conseguir desenvolver estas estratégias é por meio da ação empreendedora.

Inicialmente, parece uma constatação errônea – relacionar agricultores familiares ao empreendedorismo, visto que se trata de produtores rurais que possuem áreas inferior a 4 módulos fiscais, que utilizam mão de obra predominantemente familiar onde o estabelecimento é dirigido pela própria família (TOMEI; LIMA; SOUZA, 2014). Todavia, estes agricultores conseguem empreender dentro de suas limitações, sejam elas econômicas, tecnologias, ambientais e locacionais, de maneira a transformar sua realizada socioeconômica (TOMEI; LIMA; SOUZA, 2014). Para os autores a ação empreendedora no meio rural está presente em pequenas ações que dificilmente seriam consideração empreendedora no meio urbano, como por exemplo a extração do leite da vaca e sua transformação em queijo.

A identificação do surgimento de novos mercados, o conhecimento da utilização dos recursos naturais disponíveis, oferece ao agricultor elemento para a expansão da atividade econômica a serem desenvolvidas em sua propriedade, com vistas a impulsionar para atividades promissoras e atrativas (SANTOS; SANTOS, 2006). Para os autores o empreendedor rural é o indivíduo que consegue detectar as oportunidades em sua volta, enfrenta obstáculos, corre risco a fim de guiar seu negócio para o sucesso.

Corroborando com a ideia acima, o empreendedor rural é aquele que busca a melhor maneira de organizar sua propriedade, seja ao procurar novas cultivos, melhores animais, tecnologias alternativas com o intuito de expandir a produtividade e estabelece estratégicas de redução de custos (FAO, 2012). Assim, é preciso despertar o espírito empreendedor nos agricultores familiares para motivá-los a descobrir potencialidades não exploradas em suas propriedades e que podem tornar-se fonte de geração de renda (SANTOS; SANTOS 2006).

De acordo com Bracht e Werlang (2015) a contribuição do empreendedor rural vai além da sua propriedade, suas ações exercem influência no desenvolvimento econômico do país:

[...] vale dizer que a dimensão do papel do empreendedor rural, no que tange ao desenvolvimento econômico, acaba refletindo seus retornos em todos os setores da sociedade. O papel deste empreendedor se destaca em suas constantes interações com o meio, revitalizando continuamente a relação entre o crescimento econômico e a função social desempenhada pela propriedade familiar rural (BRACHT; WERLANG, 2015, p. 118).

Os agricultores empreendedores agem em um ambiente complexo e dinâmico, e fazem parte de um conjunto de atores que engloba fornecedores, comerciantes, transportadores, processadores, cada um com suas determinadas funções (FAO, 2012). Dessa forma, um dos fatores fundamentais para o empreendedorismo rural está na capacidade do produtor rural não só de entender, mas de interferir no ambiente social, de modo a não atuar como um agente passivo das transformações do ambiente que está inserido (CHAVES, 2010).

**METODOLOGIA**

O trabalho tem caráter descritivo, pelo fato de retratar características de determinado fenômeno ou população, com correspondência de variáveis (VERGARA, 2000). Apresenta uma abordagem qualitativa, buscando entender a vida humana nos seus diversos formatos e configurações, dentro de vários campos sociais como a psicologia, antropologia, biologia e sociologia. Segundo Malhota (2001, p. 155), “a pesquisa qualitativa proporciona melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”. Dentro da pesquisa qualitativa três são suas abordagens (estudo de caso, pesquisa documental e etnografia), desta forma a abordagem escolhida foi o estudo de caso.

Tanto a abordagem quanto o tipo de pesquisa justificam-se pelo fato de buscar entendimento acerca do problema de pesquisa, assim com procurar obter maior conhecimento dos aspectos que não podem ser facilmente observados e medidos de forma direta, tais como sentimentos, pensamentos, intenções e comportamentos (AAKER; KUMAR; DAY, 2001).

Visando atingir o objetivo proposto; analisar três trajetórias sociais inseridas no rural, em distintas regiões brasileiras, e assim, apontar elementos que as aproximem da realidade do empreendedorismo rural, desenvolveu-se a investigação através de um estudo de caso.

O método do estudo de caso objetiva o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada (TRIVIÑOS, 2007). Conforme Stake (2000), o estudo de caso é um sistema que possui um comportamento padrão de atividades e fronteiras não claramente definíveis.

A investigação proposta abarca dois estados brasileiros apresentando três casos distintos: Minas Gerais e o Rio Grande do Sul. Em Minas Gerais foi entrevistado um produtor da atividade pecuária e no Rio Grande do Sul outros dois casos, um pecuarista e uma produtora rural de agroindústria.

A mostra é intencional, segundo Flick (2009) na maioria dos casos, a amostragem na pesquisa qualitativa não é orientada por uma seleção formal de uma parte da população existente ou suposta. Está população é escolhida como forma de estabelecer informações deliberadamente selecionadas para se construir um *corpus* de exemplos empíricos com vistas a estudar o fenômeno de interesse da maneira mais construtiva (FLICK, 2009).

A técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, na visão de Triviños (2007) as entrevistas semiestruturadas partem de certos questionamentos básicos, formulados a partir do suporte teórico e de todas as informações coletadas sobre o fenômeno estudado.

**Trajetórias Empreendedoras**

**Na Agroindústria Familiar Rural**

O presente estudo de caso foi realizado em uma agroindústria familiar rural do município de Jaguari/RS, localizado na região central do Estado do Rio Grande do Sul. A família de agricultores pesquisada possui o empreendimento agroindustrial a mais de 20 anos, o qual teve início através da tradição do cultivo de uva.

Desde que residem na propriedade a família planta uva, inicialmente toda a produção era entregue para uma cooperativa da cidade e após alguns anos o casal visualizou na produção de vinhos uma oportunidade de agregar valor à produção a fim de uma nova alternativa de geração de renda. Assim, os produtores rurais constituíram uma agroindústria familiar que inicialmente operava na informalidade e logo após o empreendimento foi legalizado. Nota-se que a iniciativa da família pode ser interpretada como ação empreendedora, como destacam Gomes, Lima e Cappelle (2013).

No começo a agroindústria era voltada somente para a produção de vinhos, com o passar dos anos a agricultora começou a elaborar geleias e compotas de uva e começou a vender em sua residência. Tal estratégia adotada pela gestora proporcionou um acréscimo de renda, visto que muitos clientes que iam até a agroindústria para comprar vinho acabavam adquirindo os doces também.

Após parar com a comercialização de vinhos a produtora rural expandiu sua produção de geleias e compotas, bem como começou a produzir bolos e biscoitos, já o marido iniciou uma plantação de nozes para posterior beneficiamento. Neste ambiente situacional, a agroindustrialização destaca-se como o aproveitamento de uma oportunidade pela família, uma vez que identificaram a possibilidade de agregar valor as frutas existentes na propriedade. Tal fato demonstra característica empreendedoras dos produtores rurais, visto que tiveram a iniciativa de constituir um empreendimento agroindustrial em uma propriedade rural que até então comercializava sua produção *in natura.*

No ano de 2015 a agricultora começou a disponibilizar serviços de cafés para eventos e aniversários. Tal serviço é constituído de bolos, bolachas, salgadinhos, pizzas, chás, sucos e cafés. A ideia da produtora rural consiste em disponibilizar produtos diferentes dos costumeiramente encontrados nos eventos da região, prezando pela qualidade e frescor dos produtos. Para a produtora a decisão de oferecer cafés em eventos parte da identificação da ausência deste tipo de serviço no município e da necessidade de suprir tal lacuna.

A oferta de cafés para eventos demonstra características empreendedoras como a identificação de uma oportunidade e a inovação em disponibilizar algo inédito na cidade. Para Schumpeter (1985), a ação empreendedora se caracteriza através de inovações que transformam a dinâmica de um setor ou atividade, de modo a promover uma ruptura nos fluxos econômicos existentes. Tal reflexão é constatada na agroindústria, em virtude de a introdução dos cafés modificar a situação econômica do empreendimento e garantir a manutenção do mesmo, uma vez que a proprietária afirma que foi por meio destes novos serviços que a situação financeira da agroindústria melhorou.

Outra inovação desenvolvida pela agricultora foi a introdução de produtos diferenciados para determinado público alvo, ou seja, a proprietária começou a produzir alimentos sem glúten e integrais. Tal iniciativa possibilitou ao empreendimento familiar expandir o número de clientes em virtude de conseguir atender uma nova parcela do mercado. A identificação desta lacuna destaca-se também como o aproveitamento de uma oportunidade, uma vez que refere-se ao indivíduo estar atento ao que acontece em sua volta, identificar as necessidades das pessoas ou mercados e a partir distas lacunas começar novas atividades (MARTINS, 2013).

Percebe-se que a produtora rural não exerce a atividade agroindustrial somente pelo retorno financeiro, mas sim por gostar do que faz.

*Eu gosto daquilo que eu faço, a gente trabalha com amor, eu sempre digo os nossos produtos são feitos com amor, e dai tudo muda...Eu to trabalhando em uma coisa que me dá prazer, não vou trabalhar em uma coisa que não me dá prazer. (ENTREVISTADA).*

Este sentimento pelo trabalho realizado faz com que a produtora sinta-se motivada por buscar exercer suas atividades da melhor maneira possível, a fim de sanar as necessidades de seus consumidores.

**No Rural em Minas Gerais**

A pecuária em Minas Gerais é muito diversificada e tradicional, a região referente a este trabalho é a mesorregião da Zona da Mata Mineira, uma região que tem como destaque a pecuária leiteira. Atualmente, esta região é formada por 142 municípios inseridos em sete microrregiões (IBGE, 2006). Na propriedade pesquisada a produção leiteira é somente para subsistência, onde a maior parte da propriedade é dedicada ao gado de corte.

A trajetória deste pecuarista na atividade teve início no ano de 2016. O entrevistado não reside na propriedade, encarregando seu pai como responsável pela propriedade, pois este reside, com sua mãe, em terreno limítrofe. Sua função se baseia no gerenciamento para manutenção da cerca, vacina e limpeza das pastagens, para isso é contrato mão de obra terceirizada, com uma frequência de três em três meses. O empreendedor reside em município à distância de 600 km da propriedade pesquisada, onde possui outros negócios no ramo alimentício. Possui 34 anos e graduação pela Universidade Federal de Viçosa/MG.

A origem do entrevistado é oriunda da região da Zona da Mata Mineira, morou até os vinte e quatro anos na propriedade do pai (que hoje faz divisa com sua propriedade), juntamente com sua família, que eram produtores familiares, saiu para cursar universidade. Ao término da graduação foi abrir negócio em uma cidade no Triângulo Mineiro, porém sua paixão pelo campo nunca ficou de lado, porque começou a investir parte de sua renda em terras próximas a do seu pai. O seu pai e mãe nunca saíram da propriedade da família, desta forma, o entrevistado fez questão de comprar terras vizinhas, pelo fato de acreditar na qualidade das terras e por julgar positivo o potencial da pecuária da região. A propriedade rural concentra 77 hectares distribuídos na produção integrada de gado de corte, são apenas dois anos de atividade, o rebanho bovino apresenta, aproximadamente, 70 animais meio sangue. As pastagens são formadas de campo nativo, sendo áreas de morro recuperadas com o plantio de Brachiaria.

A venda dos terneiros é para terceiros (frigorífico e açougue) da região, portanto pretende aumentar a área de pastagens, e tem como intensão o melhoramento da genética, pensando ampliar seu mercado. Percebe-se que a aproximação familiar do entrevistado com a atividade rural e a sua experiência universitária, mesclam elementos do contexto espacial (MÜLLER; KOSGAARD, 2017) e de sua rede de imersão social (CORRÊA; VALE, 2014) delineando sua atividade empreendedora, que se diferencia das demais propriedades da região, pois comenta que não é comum apenas uma atividade nas fazendas, como na sua propriedade, demonstrando uma ruptura na forma tradicional de se criar gado nesta região.

O entrevistado destaca que mora longe da propriedade, mas faz visitas mensais e confia nos cuidados do pai, e pretende morar próximo da sua propriedade em 2019. Destaca que a região é formada na sua maior parte de pequenas propriedades, tradicionalmente formada por agricultores familiares, com diversificação de produção (gado de corte e leite, café, milho, feijão, tomate, moranga, banana, frango). As propriedades vizinhas são pequenas (de 5 a 10 hectares) apresentando diversidade de cultivos, não sendo especialistas em uma única cultura, apresentando mão de obra exclusivamente familiar.

Este jovem pecuarista vem demonstrando práticas inovadoras, rompendo com a postura conservadora do pai e dos demais pecuaristas da região, pois procura investir em melhoramento genético e na recuperação de pastagens, para não faltar alimentação para o gado na época de seca (período de maio a setembro) o campo nativo já não suporta muito gado, por isso a preocupação na recuperação das pastagens. A prática tradicional da pecuária na região centra-se na produção da fêmea para criar o terneiro, porém o entrevistado revela que compra bezerros para engorda e os vende. Nesta lógica de produzir bezerros para engorda, rompe com a lógica tradicional, e revela atitudes empreendedoras. Estas inovações demonstram uma preocupação e interesse do entrevistado em solidificar suas intenções em ações, pois neste rompimento com a lógica tradicional percebe oportunidades estimuladas por processos de inovação. (CHA; BAE, 2010).

Com o intuito de destacar a importância das características empreendedoras durante a entrevista foi perguntado sobre a questão do aprendizado, importante fator para atitudes inovadoras. O entrevistado declarou que busca sempre estar se atualizando e aprendendo, pois acredita que

*[...] a tecnologia e a globalização muda tudo todos os dias, tem que acompanhar essas mudanças, se não seu negócio cai no esquecimento [...]. Outro trecho que revela sua preocupação com novos conhecimentos [...] busco sempre me manter atualizado, procuro entender economia e política principalmente, conhecimento cientifico já é mais complicado, por que necessita de mais tempo e dedicação, mais sei da necessidade para aperfeiçoar meus conhecimentos* [...]. (ENTREVISTADO).

Em entrevista foi revelado também que o jovem esta sempre buscando o aperfeiçoamento e aprendendo com seus amigos que desempenham a mesma atividade, além de ler livros e artigos a respeito da sua atividade.

Outra característica importante para se identificar um empreendedor seria a persistência em manter seu negócio. Em alguns pontos da entrevista este elemento foi comentado, foi perguntando se empreender no rural precisa de muita persistência? ele revelou que sim, acredita que para os jovens é mais difícil, porque na sua grande maioria precisam mudar as atividades da propriedade quase que completa, e enfrentam a resistência da família, gerando conflitos de opinião e ideias, alegando ser difícil quebrar o sistema tradicional, por isso ter persistência é fundamental. Revelou que [...] *comecei com 20 anos a trabalhar em uma coisa só minha, mais não deixei de ajudar meus pais nas suas atividades* [...], revela que foi uma forma de ganhar a confiança e poder comprar sua terra e implementar suas próprias técnicas e ideias, anos depois.

Considerando que a adaptação seja uma característica importante no empreendedor, foi questionado se deve de passar por um processo longo de adaptação nesta sua ideia de empreendedor, o entrevistado disse que sim, porém, [...] *tentei fazer algumas adaptações, mas encontrei muita resistência do meu pai, isso acabou adiando meus planos. Voltei a ser empreendedor depois dos 30 anos, já na minha propriedade*” [...].

Outro ponto importante foi entender que como o meio pode influenciar no processo empreendedor, na fala do entrevistado [...] *acho difícil o meio se adaptar ao seu negocio, você teria que mudar muita coisa que não tem controle. Acho que adaptar ao meio é sempre mais fácil. Isso não quer dizer que fazer as mudanças nas formas e meios não sejam importante* [...].

A mudança também faz parte da trajetória de novos empreendimentos, este fator apareceu nesta entrevista, uma vez que, este jovem acredita que não precisou mudar radicalmente para iniciar o empreendimento rural, pois já desenvolvia atividade semelhante, ao morar no sítio com seus pais, porém pretende mudar muitos processos ao longo do tempo.

Juntamente com as mudanças o planejamento é fundamental e indispensável, entendendo que planejar acontece no dia a dia [...] “*sem planejamento você não sabe como vai alcançar seus objetivos. Através do planejamento você vai ter ideia de tempo/custo/retorno/investimento e etc.* [...]. Destaca também que planejamento seja fundamental, mas correr risco faz parte do processo, como destacado neste trecho: [...] *o empreendedor não pode ter medo, se fazer com estudo e planejamento acho válido assumir esses riscos* [...].

Assim, de uma maneira geral, foi perguntando quais foram as maiores dificuldades enfrentadas para ter sua atividade pecuária, ele revelou que teve de enfrentar muitos medos, como a falta de dinheiro pra começar, e a responsabilidade de fazer dar certo, além de entender como funcionava a lógica de mercado. O entrevistado definiu empreendedorismo como sendo:

*[...] Gosto de comparar empreender com desafio. Empreendedorismo é viver de seu negócio, todos os dias você tem que pensar por ele, trabalhar por ele, mudar por ele, isso não serve pra pessoas que tem medo de sair da sua zona de conforto, é buscar trabalhar com tecnologia, levar conhecimento cientifico pra dentro da propriedade, não ter medo de serviço [...]. (ENTREVISTADO).*

Diante do exposto, nota-se que o entrevistado revela sua capacidade inovadora, preocupação em buscar novos conhecimentos, procura se adaptar e entender o meio onde seu negócio atua, sabe que os desafios são diários e que correr riscos faz parte da vida de um empreendedor. Vale ressaltar que o planejamento é outro mecanismo utilizado por acreditar que seja indispensável para obter bons resultados.

**Na Pecuária Familiar no Rio Grande do Sul**

A pecuária familiar, encontrada na Metade Sul do Rio Grande do Sul, tem sido questionada quanto a sua relação com o empreendedorismo rural, pois, em acordo com alguns autores, estaria distante de tal processo. Não se encontram publicações específicas sobre a temática na pecuária familiar, mas algumas conversas informais apontam elementos da literatura que estariam afirmando sua improbabilidade.

A trajetória apresentada revela elementos potenciais que poderiam definir peculiaridades de um empreendedor rural dedicado à criação de gado de corte. O pecuarista entrevistado reside na propriedade, no interior do município de Pinheiro Machado/RS, possui o ensino médio incompleto e 44 anos. Com ele residem sua esposa de 48 anos e uma filha de 16 anos, estudante do ensino médio, compondo a mão de obra familiar da propriedade rural. Em algumas ocasiões, como esquila, limpeza de campo, ocorrem contratações temporárias.

A propriedade rural é procedente de herança recebida do pai e a família está há sete anos na propriedade. A capacidade de ajustes da propriedade para o desenvolver da atividade, por parte do entrevistado, é notável, pois da mesma forma, seu irmão também recebeu quantidade equivalente em herança, e ao invés de desenvolver alguma atividade, arrenda para terceiros.

A propriedade rural concentra 233 hectares distribuídos na produção integrada de gado de corte e ovinos, assim como cavalos. Em sete anos de atividade, o rebanho bovino apresenta, aproximadamente, 200 animais, 350 ovinos, destes 100 cordeiros destinados à venda e, 10 cavalos também destinados a venda e eventuais trocas entre produtores. É nesse panorama que o produtor destaca a aptidão produtiva da região para as produções de gado bovino de corte e ovino de corte e lã. Em acordo com o entrevistado, na região encontram-se grandes estâncias que se dedicam exclusivamente à pecuária de corte, assim como, propriedades menores que permanecem somente com a pecuária, isentas de arrendamento de terras para atividade agrícola, como lavouras de soja e arroz, ou melhor, que apresentam características que as definem como tradicionais, mantendo padrões de produção pouco aceitos pelo mercado.

Por mais que o produtor apresente uma postura conservadora em relação ao acesso as opções de crédito, característica relatada pela literatura ao que tange os pecuaristas familiares4, revela em suas falas rupturas com uma lógica tradicional de manejo da lã de ovinos, assim como, convicção sobre a venda de gado jovem e preferência pela produção de fêmeas, por exemplo. Percebem-se elementos que correspondem às atitudes empreendedoras, pois ao considerar o contexto em que o produtor se insere, são as pequenas inovações que fazem com que ele enxergue oportunidades em seu negócio, assim como, em seu manejo. Isso percebe-se na seguinte fala sobre manejos e rupturas com sistemas de produção mais tradicionais:

*Eu esquilo em Outubro, mas a maioria esquila de novembro a dezembro pra parar a chuva e a lã ficar mais pesada. Eu acho que é ilusão também... Eu já sou do... certas coisas de antiguidade que tem aí que eu acho que não tem futuro. Outro negócio que se tu espera mais dois anos, um ano, tu vai vender por quase o mesmo preço (bovinos de corte). Tu vende um terneiro hoje a mil pila... e tu vai vender um boi por 1500 com dois anos e o que tem que gastar em remédio, gasta mão-de-obra, gasta campo... (ENTREVISTADO).*

Ao contrário do que alguns autores comentam sobre a baixa racionalidade econômica do pecuarista familiar, casos como o exposto, apresentam situação contrária que “denuncia” algumas ideias mais tradicionais de produção apontando algumas preferências produtivas calcadas na experiência de campo e no desenvolver das atividades. Nesse mesmo raciocínio, o entrevistado demonstra conhecimento de mercado ao indicar sua direção para o consumo de animais jovens destacando que não adianta o produtor insistir na venda de animais com seis a sete anos que o mercado não irá absorver. Essa percepção demonstra o que Dolabela (2003) comenta sobre a experiência como instrumento capaz de gerar novos conhecimentos.

A pecuária tradicional também se apresenta, por vezes, resistente a introdução de novos métodos de controle sanitário. Ao contrário, o entrevistado comenta sobre a experiência ao usar métodos mais naturais, como o controle de carrapatos com remédios homeopáticos a base de enxofre e alho. Nesse aspecto, a produção mais tradicional peca, em acordo com o entrevistado, no manejo com os chamados “banhos” (aplicação de produtos veterinários). Em maioria, os produtores não costumam fazê-los de forma adequada por consideram como gasto, porém o entrevistado, demonstra a necessidade de proceder para garantir a sanidade do rebanho.

Apesar da resistência em acesso ao crédito, o produtor busca alternativas à produção, tanto em termos de negócio quanto de manejo. Além disso, atua como intermediário na venda do gado, pois compra de seus vizinhos para fechar carga e revender ao seu comprador em outro município. Em resumo, considerando o contexto observa-se que o entrevistado enquadra-se nesta categoria, ao mesmo passo que apresenta características que fogem à “curva” podendo, ser reconhecido como um tipo específico de empreendedor rural ou, como um potencial empreendedor, como indica Santos (2008).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo identificar a trajetória empreendedora de agricultores em diferentes regiões do Brasil e em distintas atividades, a fim de visualizar a importância da ação empreendedora para estes empreendimentos. O aporte teórico embasado constitui-se no empreendedorismo e empreendedorismo rural. Através da literatura especializa é possível constatar elementos que justificam o empreendedorismo no meio rural.

Por meio dos relatos é possível compreender que a ação empreendedora se apresenta de diferentes formas em cada atividade pesquisa. No ramo da agroindústria familiar gaúcha as características empreendedoras que mais se destacaram foram a busca pela qualidade, o comprometimento, uma vez que a produtora procura oferecer produtos frescos, bem como a paixão pelo que faz. Destaca-se também a inovação desenvolvida pela produtora rural, uma vez que disponibiliza serviços não oferecidos por nenhum outro empreendimento na região e a persistência da agricultora, uma vez que teve que adequar seu empreendimento no decorrer dos anos a fim de conseguir se manter neste ramo. Dentre as características que menos se destacaram tem-se correr riscos, pois o investimento em tecnologia ou aumento da produção decorre da expansão da demanda, visto que a produtora não investe sem ter certeza do retorno.

No meio rural no Estado de Minas Gerais o caso observado apresenta reflexões importantes, uma delas seria como é difícil romper com os laços de negócios anteriores da família, uma vez que o entrevistado não conseguiu ser pecuarista quando morava com sua família, teve de buscar novos conhecimentos, como cursar uma universidade, ir morar no urbano, fazer economias e comprar suas terras e o gado para ter seu negócio rural. A busca por novas práticas na pecuária, como melhoramentos genético e das pastagens são fatores essenciais para o andamento do negócio.

Dito isso, vale ressaltar que o jovem rural empreendedor pode passar por várias etapas em sua vida profissional, desde buscar um caminho diferente daquele vivenciado com sua família até, buscar novos caminhos e retornar no inicio que seria ter um empreendimento no rural, porém com uma nova perspectiva, com um conhecimento totalmente diferente daquela ensinada pelos seus pais. Uma observação importante a ser feito sobre o empreendedor rural, diante deste caso em Minas Gerais, seria entender que a trajetória do empreendedor rural passa por várias etapas e processos e que a persistência, planejamento, vencer medos e etc, são fundamentais para a vida do empreendedor rural.

No caso apresentado da pecuária familiar no Rio Grande do Sul a inovação em utilizar métodos de manejo diferenciados do contexto em que o pecuarista se insere, assim como, o reconhecimento de que algumas práticas tradicionais estão perdendo sua validade e viabilidade destacam-se ao buscar elementos que demonstrem ações empreendedoras na pecuária familiar. O conhecimento de mercado, e ainda a compreensão de que a manutenção de técnicas tradicionais não preenche as lacunas de mercado, permite com que sejam realizados ajustes/inovações na produção para atender os produtos da demanda. Em contrapartida, a predisposição em não correr riscos impede que o pecuarista realize operações de crédito, ficando os investimentos resguardados às suas reservas financeiras.

Em suma, tratam-se de contextos diferentes que resguardam no rural o seu ponto incomum. As realidades apresentadas mostram trajetórias empreendedoras considerando seus ambientes de desenvolvimento; o que em outras realidades, não demonstrariam situações de empreendedorismo, ao considerar seus espaços de atuação, destacam-se como tais. Nota-se que a restrição a correr riscos pode, mesmo que de modo exploratório, estar se demonstrando como uma característica menos comum dentre empreendedores rurais. No entanto, a ruptura com técnicas remotas e a inovação tanto em processos de produção quanto na elaboração e distribuição de produtos destaca-se nos três casos apresentados.

Desta forma, as trajetórias corroboram com as elucidações de Shane e Baron (2007) ao retratarem diferentes formas de beneficiarem-se de oportunidades, perpassando o caminho de suas descobertas, avaliações e explorações. Os autores ainda enfatizam o empreendedorismo como um processo, do mesmo modo que se observa em cada uma das trajetórias; nenhuma demonstrou algo isolado e, sim, respostas a um processo que foi sendo desenvolvido. Para finalizar, e em concordância com a proposta deste artigo, Shane e Baron (p. 16, 2007) enfatizam que nada ocorre em um “vácuo social”.

Perante o exposto, ressalta-se que o presente artigo contribui para o debate de uma temática ainda em ascensão – o empreendedorismo rural. Pelos casos estudados é possível perceber que a ação empreendedora está presente em diversas regiões do meio rural brasileiro, e que cada agricultor empreende na medida que é possível levando em considerações suas limitações econômicas, sociais, ambientais.

Sugere-se para estudos futuros a investigação do empreendedorismo em outras regiões que não foram pesquisadas por este artigo, a fim de traçar um panorama do empreendedorismo rural no Brasil. O retrato destas ações possibilitaria a elaboração de ações específicas através de entidades públicas e privadas com o intuído de fortalecer o meio rural.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. **Marketing research**. New York: John Wiley & Sons, 2001.

BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2014.

BRACHT, D. E.; WERLANG, N. B. Competências empreendedoras: uma investigação com produtores rurais catarinenses. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 1, 2015.

CHA, M. S.; BAE, Z. T. The entrepreneurial journey: from entrepreneurial intente to opportunity realization. **Journal of High Technology Management Research**, v. 21, p. 31-42, 2010.

CHAVES, R. Q. et al. Tomada de decisão e empreendedorismo rural: um caso da exploração comercial de ovinos de leite. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v.6, n. 3, p.3-21, set./dez. 2010.

CHIAVENATO, A. **Empreendedorismo:** dando asas ao espírito empreendedor, 4 ed. Manole, 2012. 281 p.

CORRÊA, V. S.; VALE, G. M. V. Redes sociais, perfil empreendedor e trajetórias. **Revista de Administração**, São Paulo, v.49, n.1, p.77-88, jan./fev./mar./ 2014.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. **Empreendedorismo:** transformando ideias em negócios. 6 ed. São Paulo: Empreende/Atlas, 2016. 276 p.

FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Entrepreneurship in farming.** 2012.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de administração**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5-28, abr./jun. 1999.

FLICK, Uwe. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUERSCHUTTE, S. G.; GODOI, C. K. Competência de empreendedores hoteleiros: um estudo a partir da metodologia da história oral. Turismo - Visão e Ação - vol. 10 - n.1 p. 39-55 jan. /abr. 2008.

GOMES, A. F.; LIMA, J. B. CAPPELLE, M. C. A. Do empreendedorismo à noção de ações empreendedoras: reflexões teóricas. **Revista Alcance**, v. 20, n. 2, p. 203-220, 2013.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARTINS, D. R. Processo de decisão e empreendedorismo**: Um estudo com empreendedores da região oeste de Santa Catarina.** 2013, 97 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração). Fundação Pedro Leopoldo. Pedro Leopoldo. 2013.

MCMULLEN, J. SHEPERD, D. Entrepreneurial action and the role of uncertainty in the theory of the entrepreneur. **Academy of Management Review**, v. 31, n. 1, p. 132-152, 2006.

SANTOS, P. C. F. dos. **Uma escala para identificar potencial empreendedor.** 2008. 366 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SANTOS, S. C.; CAETANO, A.; CURRAL, L. Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo: como identificar o potencial empreendedor? **Revista portuguesa e brasileira de gestão**, v. 9, n. 4, p. 2 - 14, 2010.

SANTOS, W. S.; SANTOS, A. L. C. Perfil dos empreendedores que atuam no turismo rural na microrregião de feira de Santana (BA). In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, Fortaleza, 2006, Fortaleza. **Anais**... Fortaleza: Sober, p.1-15, 2006.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico:** uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

STAKE, R. E. Case Studies. In: DENZIN, N. K. L., Y. S (Ed.). **Handbook of Qualitative Research. Second Edition**. London: Sage Publications, 2000. p.1022-1040.

TOMEI, P. A.; LIMA, D. A. A. SOUZA, A. Análise das barreiras que dificultam a transformação do agricultor familiar em empreendedor rural no contexto brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Estratégia – RIAE**, v. 13, v. 3. Jul./Set. 2014.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2007.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.